



## Profilaxias, HIV e Redução de Danos: *debates necessários dentro e fora da escola*

Leonardo Lourenço Lopes  
Francisco José Figueiredo Coelho

Equipe Educação sobre Drogas – Fundação CECIERJ

Você já ouviu ou leu a palavra profilaxia em algum lugar? Se sim, sabe o que ela realmente significa? Para você ter uma ideia, o termo tem origem grega (como boa parte das palavras que conhecemos): **Pro**, que significa antes, anterior à algo e **Phylaxis**, que quer dizer proteção, cuidado, guarda. Em outras palavras, podemos considerar a profilaxia como uma espécie de proteção adiantada ou antecipada por meio de medidas que mantenham a qualidade de vida e evitem agravos à saúde. A prática de realizar atividades físicas regulares (evitando o sedentarismo), as medidas de higiene diárias - como a escovação dos dentes e os banhos regulares, uma alimentação equilibrada e balanceada repleta de fibras, a ingestão de água com frequência, estar em dia com o calendário de vacinas, o uso de preservativos durante as relações sexuais etc., são algumas **medidas profiláticas**.

Em se tratando dos cuidados sexuais, por muito tempo o preservativo tem sido consagrado como a principal estratégia de prevenção contra a Infecção Sexualmente Transmissível (IST) causada pelo vírus HIV. Possibilitou - e tem possibilitado - que a exploração do prazer e bem-estar com o sexo aconteça sem que o indivíduo padeça. Mas, será que os jovens utilizam adequadamente o preservativo? Será que as pessoas conhecem o preservativo feminino? Será que os preservativos são suficientes, seja nas penetrações anais e/ou vaginais, para evitar infecções por HIV? Será que nós adultos e, especialmente os mais jovens, usamos o preservativo também nas práticas de sexo oral? Tantas questões a considerar, não é mesmo? Por isso, existem outros caminhos profiláticos complementares, particularmente para aqueles que têm uma vida sexual ativa abundante em parceiros sexuais: as profilaxias **pós-exposição (PEP)** e **pré-exposição (PrEP)**, que devem ser decididas a partir da leitura do histórico sexual de cada indivíduo em diálogo com o profissional médico.

A ideia de uma pessoa não soropositiva utilizar medicamentos como forma de evitar possível contaminação pelo vírus HIV se tornou mais abrangente no final da década de 1990, quando a **azidotimidina** (comumente conhecida como **AZT**) e, posteriormente, os antirretrovirais de alta potência (chamados de **TARVs**) foram incorporados aos programas de HIV/AIDS para uso de profilaxia pós-exposição (PEP). Em torno de uma década depois (2010), a PEP foi adotada no Brasil, respaldada sobretudo por resultados internacionais,



### Aspectos pedagógicos da automedicação e do uso racional de medicamentos

como os apresentados pela Comissão Nacional de AIDS da Suíça (2008). Esse estudo revelou que pessoas que vivem com HIV (portadoras do vírus HIV – PVHIV ou soropositivas) em uso de **TARV** e sem outras infecções sexualmente transmissíveis, não transmitem o vírus sexualmente. Quatro anos depois, outros estudos clínicos confirmaram esse achado, revelando que o soropositivos que usam os medicamentos antirretrovirais podem reduzir em 96% o risco de transmissão do HIV, o que ampliou os debates acerca da PrEP como um caminho complementar de prevenção. Curioso, não? Essas evidências, sustentaram o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) denominou de **Tratamento como Prevenção (TasP)**.

A profilaxia pós-exposição (PEP, do inglês *Post-Exposure Prophylaxis*) consiste na ingestão dos medicamentos **Truvada** (Entricitabina e Tenofovir) e **Raltegravir**, não deixando que vírus se multiplique. Existe outros medicamentos, como o **Kaletra**, outro medicamento antiviral que impede que o material genético do HIV se ligue ao DNA das células que ele infectou. Cabe lembrar que a pessoa que realizou a PEP teve uma relação de risco e não apresenta a infecção. Contudo, há um possível risco de que ela tenha sido exposta ao vírus HIV. Nessa ocasião, o uso do medicamento por um determinado período (por 28 dias consecutivos) evitará que uma possível infecção se instaure. E diga-se de passagem, o acompanhamento com um profissional da saúde é uma condição fundamental. Nesse caminho, podem solicitar o uso da PEP pessoas que tiveram uma exposição ocupacional, como profissionais da saúde expostos a instrumentos cortantes, a ferimentos que envolvam contato com sangue, e que tiveram uma potencial exposição sexual - vítimas de estupro ou relação sem preservativo com desconhecido(a). Nesses casos, o SUS indica que as pessoas busquem pela PEP de 2 a 72 horas após a ação que envolveu a exposição. Quanto mais rápido a busca, mais eficaz é a profilaxia.

Diferente da PEP, a profilaxia pré-exposição (**PrEP**, do inglês *Pre-Exposure Prophylaxis*) não é usada após a situação de risco. Para se ter o efeito desejado, a profilaxia consiste na ingestão de drogas similares a PEP, como a **Truvada**. Contudo, a pessoa deve tomar os comprimidos todos os dias, de forma contínua e ininterrupta. Do contrário, corre-se o risco de não haver concentração suficiente do medicamento na corrente sanguínea para bloquear a ação multiplicadora do vírus. Essa profilaxia tem se tornado cada vez mais comum como uma forma de reduzir o risco de contaminação por HIV em casos de sexo sem proteção. Estudos recentes nacionais e internacionais também têm revelado a eficácia de PrEPs injetáveis, como é o caso das pesquisas com o **Cabotegravir**. Isso é outra conquista para o campo da prevenção do HIV/Aids.

De forma geral, as profilaxias antirretrovirais são ações importantes de **Redução de Danos (RD)**, na busca de minimizar ao máximo o avanço da pandemia de HIV. Logicamente, as pessoas devem levar com seriedade tais ações protetivas, considerando que os gastos públicos do SUS devem ser utilizados a fim de garantir a qualidade de vida e o bem-estar da população. Embora as profilaxias contra o HIV sejam disponibilizadas gratuitamente, elas não protegem contra outras infecções como a sífilis, a gonorreia e a hepatite. Vale a pena não esquecer disso! Que tal conversar mais sobre o assunto com nossos jovens? Afinal, falar sobre o tema para promover proteção nunca é demais.